

Apontamentos acerca da discussão sobre a introdução das empresas de celulose nos pampas gaúchos: para onde vai a fronteira Sant'Ana do Livramento e Rivera?

*XIII Encuentro de Geógrafos de America Latina:
Estableciendo puentes en la Geografía de Latinoamerica*

Eixo: Dinámica de los espacios rurales y sustentabilidad.

Autor: Silvio Marcio Montenegro Machado¹

marciogeoufsc@gmail.com

Co-Autor: João Marcelo Vela²

jotamaverick@gmail.com

Resumo

Os Municípios de Sant'Ana do Livramento – RS - Brasil e Rivera - Uruguai, instaladas no coração dos pampas gaúchos, apresentam uma paisagem que se caracteriza por uma vastidão de campos, coxilhas e gado, tem sua história associada a economia ganadeira e a cultura das gentes que habitam esse pampa, o gaúcho e sua vivência campeira símbolo de uma cultura que supera as barreiras da nacionalidade e das fronteiras impostas pelos colonizadores. Os pampas e seus habitantes passam por uma transformação profunda que está associada a decadência da economia ganadeira e a ascensão da economia madeireira. Cada vez mais observa-se a plantação de grandes extensões de terras com *pinus* e *eucaliptus* e a implantação, muitas vezes conflituosa, de empresas de celulose em locais onde antes reinavam os frigoríficos. O presente trabalho tem o objetivo de analisar o processo de substituição da economia ganadeira pela introdução da economia madeireira nessas cidades e avaliar as implicações sociais, econômicas, culturais e ambientais através de um extenso levantamento bibliográfico, de pesquisas junto a órgãos governamentais e de trabalhos de campo que permitam compreender as transformações atuais, as tendências de reprodução do grande capital associado ao latifúndio e as alternativas e formas de resistência a esse modelo hegemônico de “desenvolvimento” na fronteira.

Palavras Chave: Fronteiras, Celulose, Criação de Gado, Cultura Gaúcha.

1 Geógrafo e Mestrando em Desenvolvimento Regional e Urbano do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 Graduando do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Breve explanação sobre a fronteira, suas particularidades e o contexto da instalação das empresas de celulose.

Os Municípios de Sant'Ana do Livramento – RS – Brasil e Rivera – Uruguai, formam uma fronteira de cidades consideradas gêmeas, pois os núcleos urbanos encontram-se unidos pela área urbana central, o fato de não existir nenhuma barreira geográfica entre os dois países, transformou o limite em possibilidade, o povo fronteiriço faz uso da linha de fronteira como estratégia de sobrevivência desde os primórdios de sua formação.

Os municípios de Sant'Ana do Livramento e Rivera passaram por um mesmo processo de formação sócio-espacial, que configurou-se em torno de uma economia ganadeira que foi parte integrante da formação cultural e identitária dessa população. O gado constituiu a principal atividade econômica, dando as bases para a formação dos povoados e demais municípios que hoje formam essa região fronteiriça seja no Brasil, no Uruguai ou na Argentina.

O homem que estabeleceu-se nessa fronteira, logo teve de adaptar-se a condição de uma atividade econômica ganadeira dentro de um contexto conflituoso em meio a demarcação de limites territoriais, essa condição forjou na população local uma característica própria que independe de nacionalidade, a condição fronteiriça e gaúcha ou *gaucha* que marca profundamente esse povo.

Após quase três séculos desse processo de ocupação territorial, controle econômico, demarcação de fronteiras e consequente supressão dos povos pré-existentes nos pampas, consolidou-se nesta região um conjunto de hábitos, costumes, fala, culinária, folclore, danças, músicas, jogos, enfim um povo detentor de uma cultura mui particular oriunda da mistura, mesmo que forçada, dos povos pré-existentes com os colonizadores espanhóis e portugueses e destes entre si, sem desconsiderar o elemento negro e a migração inglesa e italiana da primeira metade do século XIX.

Cabe ressaltar que muito provavelmente esta foi parte do continente Latino-americano onde as culturas portuguesa e espanhola sofreram mais influência uma da outra, devido a sua proximidade e a necessidade de interação em função das atividades econômicas desenvolvidas e do processo de ocupação territorial.

As estâncias de criação serviram não somente de base econômica mas como

verdadeiros marcos de fronteira, estratégia utilizada pelos colonizadores para o ocupar os pampas e defender as fronteiras e que foi mantida pelas nascentes repúblicas que recortaram os pampas dividindo-o politicamente, porém não cultural e economicamente. (COLVERO, 2009; MOURE, 1994)

Esta região fronteira e pampeana, guardadas as particularidades que devem ser observadas sofreu, em traços gerais, um processo muito semelhante de formação sócio-espacial, e talvez por esse motivo, economicamente essa região possa ser concebida como um só território independente de nacionalidade.

Pode-se afirmar que as atividades econômicas na região fronteira pampeana pós colonização, tiveram seu início com a preação do gado oriundo da experiência jesuítica. O gado encontrou nos pampas as condições necessárias a sua reprodução, logo espalhou-se pelos pampas a ponto de ser caçados livremente às centenas nas coxilhas riograndenses, tão somente para o aproveitamento do couro, da língua e dos chifres. (LUGON, 1977; MOURE, 1994)

Da preação passou-se a criação, com a formação das estâncias, posteriormente ascenderem as economias do tropeirismo, do charque e finalmente a dos frigoríficos, todas baseadas na criação e na estância.

O século XX trouxe mudanças significativas para a região, no início do século a chegada dos frigoríficos internacionais (Swift, Armour, Cudahy, Moris e Wilson) representou investimentos e a inserção da economia local no mercado mundial de carnes. Os municípios da fronteira viveram seu momento de aquecimento econômico e as elites locais prosperaram, não tanto quanto os frigoríficos, mas tiveram seu tempo de glamour.

Porém, a economia local tornou-se dependente quase que exclusivamente dos frigoríficos, fato que foi duramente sentido quando estes retiraram seus investimentos da fronteira, Esse processo de retirada iniciou-se no pós-guerra, por meio de fusões e completou-se no nas últimas décadas do século XX. (ALBORNOZ, 2000; CAGGIANI, 1983)

No final do século XX, os frigoríficos não mais estavam presentes e a ilusão de desenvolvimento que trouxeram a região transformou-se na triste e decadente realidade de estagnação de uma economia baseada, quase que exclusivamente, na criação de gado extensiva sustentada pela grande propriedade com uma oligarquia local que vive das rendas do passado e dos financiamentos que lhes é proporcionado em função da extensão de suas posses. (ALBUQUERQUE & AUED, 2007)

A concentração de terra e renda associado ao fechamento dos frigoríficos agravou

o número de despossuídos que aglomeram-se nos pequenos núcleos urbanos, a falta de indústrias onde trabalhar, a queda do preço da lã, uma das poucas atividades que prosperava até a década de 70 do século XX, manifestou o empobrecimento da sociedade fronteiriça e pampeana expressa nos altos índices de desemprego, na migração forçada dos jovens e nos baixos índices de desenvolvimento local, fato que preocupa os governantes dos três países que compõem essa fronteira pampeana.

Nesse contexto, a estância ganadeira que caracterizava os grandes latifúndios da região passou por profundas transformações, sobretudo a partir do final da década de 70 do século XX, quando ocorreu a introdução dos plantios de arroz, a chegada das empresas vinícolas, a soja, entre outras iniciativas (COSTA, 1988), porém nenhuma destas logrou modificar a estrutura fundiária profundamente ou chegou a ameaçar a paisagem nos pampas marcada pelos rebanhos bovinos alimentando-se nas vastas coxilhas.

Somente no final do século XX e início do XXI, com o aumento da demanda mundial por papel e demais derivados da celulose é que essa realidade vem se modificando, com a chegada de grande empresas de celulose na Bacia do Prata. No Rio Grande do Sul a Stora Enso, Fibria (oriunda da fusão entre a Votorantim Celulose e Papel e Aracruz Celulose) e CMPC (empresa Chilena de celulose) anunciam grandes investimentos. No Uruguai e Argentina não é diferente, instalam-se nos pampas gerando até mesmo disputas internacionais entre os países irmãos pela instalação das fábricas de celulose.

Esta mudança de base econômica nos pampas não implica necessariamente no fim do latifúndio, permite a manutenção da concentração de terra podendo até mesmo aumentá-la com o processo de compra de vastas áreas pelas empresas.

O que está ameaçado de encontrar o seu fim é o modo de vida campeiro amparado na criação, o que de fato sofre profundas transformações é a paisagem pampeana, e o meio ambiente, o Bioma Pampa ou Campos Sulinos como é caracterizado no Brasil.

Tais empresas surgem como fonte de grandes investimentos em uma região de economia fragilizada, o que alimenta as esperanças de geração de emprego, renda, de receitas e impostos no imaginário de um povo carente de trabalho digno e bem remunerado e de prefeituras ávida por receitas.

O mercado mundial de celulose vive uma expansão devido a maior demanda por papel ocasionada pelo crescimento das chamadas economias emergentes, papel destinado as demandas de consumo crescente.

Devido ao tempo reduzido de crescimento das espécies utilizadas para a produção de celulose no hemisfério sul, se comparado com o tempo de crescimento no hemisfério norte, a abundante oferta de água existente na região devido, por um lado ao regime de chuvas nos pampas e, por outro à existência do Aquífero Guarani, maior aquífero de água doce transfronteiriço do mundo, os olhares das empresas voltaram-se para esta região.

Dessa maneira, as multinacionais da celulose encontram nos pampas as condições necessárias a sua implantação, utilizando-se de uma boa infra-estrutura pré-existente (ferrovias, rodovias e portos) de escoamento de produção anteriormente utilizado pelos frigoríficos, de vasta mão-de-obra barata, dos baixos preços pagos por hectare devido ao quase abandono que se encontravam muitas das antigas estâncias de criação e do apoio do poder público ávido por investimentos.

Resta-nos saber quais são as implicações da formação de um verdadeiro polo industrial de celulose na região pampeana e suas reais consequências para a população local no que diz respeito ao desenvolvimento social e ao ambiente.

A história se repete... como farsa

A frase imortalizada por Karl Marx em O 18 Brumário de Luís Bonaparte, ao qual o título deste capítulo faz alusão, não poderia ser mais apropriada para ilustrar o processo de territorialização das empresas de celulose nos pampas gaúchos.

Segundo Karl Marx no início do primeiro capítulo de O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Hegel observara em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história teriam ocorrido por duas vezes, porém, segundo Marx este esqueceu-se de acrescentar que a primeira vez ocorre como tragédia e a segunda como farsa.

Na Bacia do Prata a história parece não fugir a essa regra, revive-se nos pampas um passado não tão distante em que grandes empresas multinacionais controlaram as duas bandas do Rio da Prata, o território pampeano, e fizeram deste a extensão de seus frigoríficos.

No início do século XX, o chamado *meat trust*, ou as 5 grandes da carne de Chicago como ficaram conhecidas as empresas Armour, Swift, Cudahy, Morris e Wilson, formaram uma espécie de cartel da carne, um monopólio que detinha o controle de boa parte do mercado mundial. Instalaram-se nos pampas obtendo o controle do mercado de carnes na Bacia do Prata, utilizando-se dos territórios brasileiro, uruguaio e argentino. (ALBORNOZ, 2000; CAGGIANI, 1983)

O controle das 5 grandes de Chicago teve início na passagem do século XIX para o século XX, viveram seu apogeu durante a I e a II Guerra mundial, período em que forneciam mantimentos para as tropas em guerra, permaneceram nos pampas até o final do século, porém não mais com o mesmo volume de investimento e nem com a mesma força política e econômica do período entre guerras, foram reduzindo gradativamente a produção e conseqüentemente os postos de trabalho após a II Guerra Mundial, fazendo fusões e vendendo frigoríficos até abandonarem por completo os pampas no final do século.

As conseqüências da presença dos frigoríficos nos pampas são sentidas até os dias atuais, se por um lado a euforia inicial causada pelos investimentos destes frigoríficos foi grande em função do aquecimento da economia local propiciado pela instalação destes frigoríficos, por outro as conseqüências de um modelo de desenvolvimento vindo de fora, ou seja, não autônomo e controlado por atores hegemônicos que não possuíam nenhum vínculo com a região, deixou profundas cicatrizes.

A presença destas grandes empresas na região, prolongou o período de controle político e econômico local dos estancieiros ou *tierratenientes* que se dedicavam a criação de gado e que haviam marcado a história política da região através de seus levantes, estes caudilhos tinham como objetivo a manutenção de seu *status quo* ameaçado pelo surgimento de regiões industriais em seus respectivos países que rivalizavam com a criação extensiva de gado e com o controle político e econômico da estância no início do século XX.

Os frigoríficos apesar de promoverem a industrialização nos pampas, faziam-no apoiados na criação de gado extensivo em grandes latifúndios, mantendo assim as rendas e o poder local/regional do latifúndio ganadeiro, convertendo-se em um obstáculo para outras formas de desenvolvimento na região.

Os latifundiários e o poder público que por vezes confundiam-se, não manifestavam interesse em apoiar seriamente iniciativas que procurassem diversificar a economia e que permitissem autonomia ao desenvolvimento local em Sant'Ana do Livramento e Rivera, embriagados que estavam pelos investimentos em torno dos frigoríficos e o aumento nos rendimentos das estâncias de criação.

A estrutura das 5 grandes de Chicago instaladas nos pampas, representava um verdadeiro polo exportador de carne bovina, os frigoríficos estavam estrategicamente localizados entre as grandes estâncias de criação em diversos municípios e ferrovias ligando a produção aos portos que movimentavam a economia nos três países.

O poder dessas empresas foi tamanho que chegou a colocar de joelhos o poder público local, como exemplo podemos citar o empréstimo realizado pela empresa Armour à prefeitura de Sant'Ana do Livramento para que esta realizasse o calçamento das ruas centrais da cidade. (ALBORNOZ, 2000; CAGGIANI 1983).

Tal contrato de empréstimo garantia que o município não criaria nenhum imposto que afetasse as atividades da Companhia Armour e nem aumentaria os impostos existentes pelo período de 10 anos, mesmo período de vigência do empréstimo, como podemos ver no artigo 12º da Escritura Pública de Contrato Mútuo:

12º. O Município obriga-se na vigência deste contrato, a não criar impostos municipais, seja qual for, que afete ou possa afetar a Companhia, bem como obriga-se a não alterar para mais os que atualmente paga, em caso algum.”(2º Cartório, Livro 14, folha 83 Apud ALBORNOZ)

Não é de se admirar que com a retirada dos investimentos internacionais e a consequente quebra dos frigoríficos na segunda metade do século XX, as consequências fossem devastadoras para os municípios da região dependentes quase que exclusivamente dos frigoríficos, mesmo os municípios que não possuíam frigoríficos sentiram igualmente as consequências.

Tanto os municípios de Sant'Ana do Livramento e de Rivera quanto toda a região fronteira caracterizada pelo latifúndio ganadeiro chegaram ao final do Século XX apresentando os menores índices de desenvolvimento econômico, maiores índices de desemprego, piores índices sociais em qualquer que fosse a avaliação, seja dos órgãos uruguaios, brasileiros ou argentinos.

A região fronteira de predominância do latifúndio ficou marcada pelo atraso, virou sinônimo de decadência, do período de influência dos frigoríficos restaram apenas as rugosidades, tristes marcas na paisagem: as carcaças dos frigoríficos abandonados, os nomes dos bairros industriais e os grandes casarões antigos que servem de testemunha de um passado próspero para uma certa elite ganadeira que até hoje firma-se nesses símbolos e em suas vastas extensões de terras como um idoso em suas muletas.

Mas como a história parece querer repetir-se? Desde a década de 70 do século XX ocorreram várias tentativas de tirar a economia da região de sua estagnação, entre as quais podemos citar a introdução do arroz que trouxe a prática da agricultura para a região, a implantação de vinícolas e a desapropriação de latifúndios improdutivos para fins de reforma agrária, como resultado da pressão dos movimentos camponeses, mas não é do novo que se trata e sim do velho com novas roupagens.

Não parece ser o desenvolvimento autônomo local, que exige prazos longos para trazer resultados sustentados e que beneficiam uma parte mais significativa da população que atrai o poder público, mas as soluções prontas, principalmente vindas de fora, as soluções importadas que prometem mega-investimentos, que financiam campanhas eleitorais, que chamam a atenção pelas cifras e números, estas que alimentam o mercado especulativo e o grande capital.

Dessa maneira, no início do século XXI, três grandes empresas de celulose em franca expansão anunciam grandes investimentos na região, cifras que chegam inicialmente a 4 bilhões de reais, são três plantas de celulose somente no Rio Grande do Sul, mas estendem seus domínios também pela Argentina e Uruguai como era de se esperar.

Entre 2004 e 2005, três empresas anunciaram investimentos que somam cerca de 4 bilhões de dólares para a construção de um polo produtor de celulose no Estado. O projeto seria implantado em duas etapas. Na primeira, desenvolveriam a atividade de silvicultura (nome técnico para o cultivo de árvores), formando a chamada base florestal, com cerca de 400 mil hectares de plantações de eucaliptos. Posteriormente, com a fonte de matéria-prima estabelecida, cada uma das empresas construiria uma fábrica para produção de polpa de celulose. Para estabelecer os empreendimentos, foi escolhida a chamada Metade Sul do Estado, porção mais pobre do território gaúcho e historicamente carente de investimentos. De imediato, as empresas conquistaram o apoio das prefeituras da região e também do governo do Rio Grande do Sul. (GRANDO, 2008 p.7)

As empresas em questão eram inicialmente a Votorantim Celulose e Papel (VCP), a Aracruz Celulose e a Stora Enso, assim como no caso das gigantes da carne, estas são também gigantes do mercado mundial de celulose e papel, apesar de a princípio Votorantim Celulose e Papel e Aracruz Celulose possuem capital nacional e Stora Enso ser uma empresa sueco-finlandesa, as mesmas a exemplo do que ocorria com as gigantes da carne, são associadas.

Em 2009 a Votorantim Celulose e papel fundiu-se a Aracruz Celulose fundando a Fibria empresa brasileira que opera 5 fábricas com capacidade para produzir 5,25 toneladas de celulose por ano segundo informações o site da empresa e que detêm 50% da empresa Veracel fábrica instalada no sul da Bahia, os outros 50% pertencem a sueco-finlandesa Stora Enso, fica assim configurada a associação estratégica destas empresas.

As semelhanças com a territorialização realizada pelas multinacionais da carne não acabam por aí, da mesma maneira que os frigoríficos, as empresas de celulose estão revigorando o latifúndio na região, desta vez no lugar do gado surge a plantação de *pinus*, *eucaliptus* e acácia negra, seja por meio de associação aos latifundiários locais ou por meio da compra de imensas áreas nos pampas.

As plantações, chamadas equivocadamente de reflorestamento visto que o pampa não possui floresta e portanto não pode ser reflorestado, estão modificando profundamente a paisagem.

Novamente o estado assume uma posição subalterna em relação às empresas, o que fica evidente, pelo menos na administração da então Governadora Yeda Crusius no Rio Grande do Sul, quando chegou a fazer demissões nos órgãos estaduais de meio-ambiente para tentar agilizar a implantação das empresas de celulose no estado e pelo já conhecido incidente entre o Uruguai e a Argentina que tiveram um conflito gerado em função da implantação de uma empresa de celulose no lado uruguaio da fronteira.

A celulose desregulando os territórios

O avanço da celulose nestes pampas tem dividindo não somente opiniões, mas colocado em oposição até mesmo as nações que compõem o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) que acabou sofrendo abalos devido à disputa entre Uruguai e Argentina e a suposta neutralidade brasileira sobre o assunto.

O Rio Uruguai é a fronteira natural que se interpõem entre Uruguai e Argentina, ambos países assinaram o Estatuto do Rio Uruguai, que visa a administração conjunta. A instalação da empresa espanhola ENCE S. A.(ENCE) aprovada em 2003 e da finlandesa Oy Metsä-Botnia Ab (Botnia) em 2005, ambas as margens do Rio Uruguai em território uruguaio abalou as relações entre os dois países.

Para entendermos as causas do conflito é preciso analisar diversos fatores, em primeiro lugar está o claro movimento de instalação de fábricas de celulose no hemisfério sul devido aos fatores citados anteriormente sobre a instalação das plantas de celulose nos pampas gaúchos, crescimento da demanda mundial por celulose, as condições climáticas, o crescimento da matéria-prima da celulose que no hemisfério sul é de aproximadamente de 7 anos e no hemisfério norte pode chegar a 40 anos, a mão de obra barata, entre outros.

O quadro econômico no Uruguai sobretudo no norte uruguaio e na Argentina principalmente na região pampeana, não difere em muito das experimentadas pela Região da Campanha ou Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, dessa maneira as empresas de celulose não tiveram muita dificuldade em conseguir apoio dos governantes locais.

O governo Jorge Battle do Partido Colorado que governou o país em uma surpreendente aliança com o Partido Nacional (Blanco) devido a necessidade de impedir

a chegada ao poder da Frente Ampla, foi o primeiro a autorizar, em 2003, a instalação da empresa ENCE S.A. às margens do Rio Uruguai.

Nas eleições de 2004, finalmente a chegada ao poder de Tabaré Vasquez do Partido de Frente Ampla (reunião de várias organizações políticas desde progressistas a comunistas, incluindo aí o histórico partido revolucionário tupamaro) que interrompeu uma série histórica de governos alternados entre o Partido Colorado e o Partido Nacional (Blanco), não alterou a política quanto a implantação das empresas de celulose, pelo contrário, houve um aumento nos incentivos e o anúncio da instalação da empresa finlandesa Botnia, já no governo de Frente Ampla, foi o estopim do “conflito das papeleras” no Rio Uruguai.

Inicialmente a população de Fray Bentos, na margem uruguaia do rio era contrária a instalação da empresa ENCE S. A., porém o novo governo de Frente Ampla conseguiu convencer boa parte da população de que os investimentos trariam benefícios para a região, a comunidade temia pelos prejuízos a atividade turística, principal fonte de renda no departamento. Porém a população da comunidade vizinha de Gualaguaychu na Argentina continuou a rejeitar o projeto de instalação da papelera e passou a bloquear a ponte frequentemente, prejudicando os negócios principalmente no lado uruguaio.

O que ocorre é que existe um tratado entre Argentina e Uruguai, chamado de Estatuto do Rio Uruguai assinado em 1975, o tratado prevê a administração conjunta do rio através de uma Comissão para Administrar o Rio Uruguai (CARU), e visa proteger os recursos vivos do rio, a contaminação, administrar a navegação, entre outros. (NOSCHANG, 2008)

A população de Gualaguaychu entendeu que o governo uruguaio feriu o tratado ao permitir a instalação das plantas de celulose às margens do Rio Uruguai sem informar ou consultar a CARU. Por sua vez, o governo uruguaio entendeu que a Argentina estava interferindo em seus assuntos internos, cometendo ingerência internacional, o caso foi levado a Corte Internacional de Justiça de Haia que advertiu o Uruguai por não haver submetido o plano de instalação da fábrica a CARU, porém não acatou a solicitação da Argentina referente a desativação da fábrica alegando que os níveis de poluição da mesma não estão acima do permitido. (PAIS, 2010)

O fato serve para demonstrar a influência política e o amparo que essas grandes multinacionais da celulose conseguem junto ao poder público, mediante a promessa de desenvolvimento regional e geração de postos de trabalho.

Apesar disso, uma parcela significativa da população resiste, grupos invisibilizados

como as comunidades tradicionais, o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no Brasil, alguns agrupamentos de esquerda e grupos ambientalistas que até recebem apelo na mídia porém não quando os interesses de empresas desse porte estão em jogo.

No caso brasileiro, nos pampas gaúchos, as empresas de celulose encontram dificuldades de instalação, seja por motivos ambientais, caso que está sendo superado devido a influência política que estas empresas tem junto ao Estado, seja por resistência dos movimentos camponeses que lutam pela acesso a terra e por reforma agrária.

Os camponeses percebem nas empresas de celulose um obstáculo para o seu objetivo de Reforma Agrária e Soberania Alimentar. E tem enfrentado duramente o que chamam de deserto verde, a plantação de pinus, eucalipto e acácia negra nos pampas.

“Eu não como eucalipto e você?”, pergunta uma faixa estendida na frente do assentamento Fidel Castro em Sant’Ana do Livramento-RS, esta frase tem sido usada recorrentemente pelos assentados da reforma agrária no estado.

Até mesmo o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), órgão do Governo Federal responsável pelos assentamentos, discorda do uso dos mesmos para o plantio de matéria prima para a celulose, a prioridade de plantio nos assentamentos são os alimentos, segundo o INCRA. (GRANDO, 2008)

A empresa Votorantim Celulose possui um programa de fomento a pequenos agricultores que atraiu alguns assentados de reforma agrária e motivou as manifestações do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Os militantes do movimento, amparados na decisão do INCRA, foram mobilizados para derrubar as plantações irregulares nos assentamentos.

A sueco-finlandesa Stora-Enso enfrenta além do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, problemas legais relacionados a compra de terra por empresas estrangeiras na faixa de fronteira, que de acordo com a Lei Federal n.º 6.634, de 02.05.79, que dispõe sobre a Faixa de Fronteira tem um procedimento legal bastante rígido, a empresa enfrenta problemas com a compra ilegal de terras nessa região porém representantes do agronegócio, a chamada bancada ruralista no Congresso Nacional já visa apresentar, com apoio dos prefeitos dos municípios de fronteira, uma revisão ou até mesmo uma nova lei para reger a Faixa de Fronteira, interesse diretamente ligado ao capital internacional, não somente nos pampas, mas na Amazônia e demais regiões fronteiriças.

Considerações para subsidiar novas discussões

Na tentativa de não encerrar as discussões e muito menos termos a pretensão de dar por esgotados os argumentos, entendemos que a fronteira Sant'Ana do Livramento e Rivera passa por um processo importante de transformações que devem cada vez mais ser estudados. As transformações no meio rural implicam modificações no espaço urbano e ambos não podem ser considerados separadamente.

Em Sant'Ana do Livramento existem 31 assentamentos de Reforma Agrária, pouco fala-se da produção de suas cooperativas, no meio rural fala-se muito na chegada da celulose, na criação bovina, nas vinícolas enquanto que no meio urbano fala-se dos Free-Shops de Rivera, ponto forte e atração turística que tem aquecido a economia fronteira sempre que o dólar esta em baixa para os brasileiros.

Existe ainda, um importante e talvez ainda inexplorado potencial surgindo nesta fronteira, que não diz respeito a celulose ou qualquer inovação no meio rural, nem na aposta do turismo como fonte de renda, trata-se da chegada da Universidade. A difusão de conhecimento poderá ser fomentadora de novas formas de se ver e pensar a fronteira, desde sua realidade concreta e não idealiza desde um centro político-administrativo e intelectual distante.

Por enquanto parece que a população local ainda não despertou para essa realidade, bem como as autoridades que pensam cursos focados no meio rural e pensados para atividades já saturadas, é preciso pensar a fronteira projetando o futuro, com formas diversificadas de produção e de desenvolvimento autóctone, autogerido e autônomo focado nas suas possibilidades enquanto fronteira e não vendo esta como um limite. É preciso olhar para o futuro, e não manter o desejo de retornar ao passado, as velhas práticas que dão manutenção ao latifúndio e a apenas uma pequena elite local.

A fronteira precisa aprender a tirar proveito de sua condição fronteira, esse povo irmão que tem sua grandeza ligada a sua união, precisa perceber que merece muito mais que as migalhas que os grandes investimentos prometem trazer. Talvez seja o momento de se pensar nas pequenas iniciativas multiplicadas e diversificadas como motor de grandes mudanças. É tempo de vislumbrar um novo amanhã com as mãos calejadas de hoje.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Julia Saldanha & VIEIRA MEDEIROS, Rosa Maria. **Reforma Agrária, Reterritorialização e Agroecologia: Estudo de Caso em Sant'Ana do Livramento/RS.**

In: Revista Brasileira de Agroecologia nº 4 Vol 2. p. 4212-4216.

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. **Armour, uma aposta no pampa**. Sant'Ana do Livramento, Editora Palloti, 2000.

_____. **Frigorífico Armour: Um empreendimento internacional na fronteira meridional**. In: STROHAECKER, T. M. et al (Org.) **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB, p.93-100, 1998.

ALBURQUERQUE, Edu Silvestre de & AUED, Idaeto Malvezzi. **O mito do atraso das elites pampeanas**. In: Boletim Gaúcho de Geografia nº 32, Porto Alegre: AGB, Dezembro 2007. p.91-112

CAGGIANI, Ivo. **Santana do Livramento: História**. Sant'Ana do Livramento, s/Ed. 1952.

_____. **Sant'Ana do Livramento: 150 anos de história**. Santana do Livramento: Ed. do Museu Folha Popular e ASPES, 1983. v. I-III.

CASTRO, Iná Elias; _____; CORREA, Roberto. Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 1995.

CHELOTTI, Marcelo Cervo, **A dinâmica do espaço agrário no município de Sant'ana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais**. In: Estudos Geográficos nº3, Rio Claro, 2005 p. 53-70 disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm

COLVERO, Ronaldo Bernardino e SOARES, Luiz Francisco Matias. **Uruguiana: a estância como fronteira**. Revista Estudios Historicos – CDHRP , nº 3, Diciembre 2009.

COSTA, Rogerio Haesbaert da, **RS : latifundio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 98p.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missionárias**. Ijuí : Injuí, 2001. 175 p.

DORFMAN, Adriana. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Geografia. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. Florianópolis, SC, 2009. 360 f. Tese (Doutorado).

DUARTE, Roberto Martins. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: A construção da cidade de Jaguarão**, Tese de Doutorado, Universidade Politécnica da Catalunia. 2002, disponível em: <http://www.tesisenred.net/TDX-1107102-174643>.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 18ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983. 307p

GRANDO, João Werner. **A peleja do Eucalipto**. In: Revista Observatório Social nº 14, Setembro de 2008, São Paulo – SP. p.6-25.

- LUGON, Clovis. **A República “Comunista” Cristã dos Guaranis 1610/1768**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977. 353 p.
- MACHADO, L. O. **Limites, fronteiras, redes**. In: STROHAECKER, T. M. et al (Org.) **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB, p. 41-49, 1998.
- MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Mandacaru, 1990. 165p
- MOURE, Telmo Remião. **História do Rio Grande do Sul**. São Paulo: FTD, 1994.
- NOSCHANG, Patricia Grazziotin. **O caso das papeleras na Corte Internacional de Justiça – direito ambiental versus direito econômico?**. In: Revista de Direito da Unigranrio N° 1 Vol.1 2008. 14p. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rdugr/article/view/201/200>. Acessado em: 25 de Janeiro de 2011.
- PAIS, Ana. **Corte Internacional de Justiça Internacional mantém aberta fábrica de celulose**. In: Inforsurhoy.com, 26/04/2010 disponível em: <http://www.inforsurhoy.com/cocoon/saii/xhtml/pt/features/saii/features/main/2010/04/26/feature-01> Acessado em 21 de Fevereiro de 2011.
- PONT, Raul. **Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Renascença, Volume I e II, 1983.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: A formação social como teoria e como método**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.
- SCHÄFFER, Neiva Otero, **Urbanização na fronteira: a expansão de Sant’Anna do Livramento - RS**. Porto Alegre, EdUFRGS/PM de Sant’Ana do Livramento, 1993.
- SCHRODER, Victor Faria; KONRAD, Joice; RODRIGUES, Paulo Roberto Quintana. **A produção do espaço no Rio Grande do Sul no período colonial**. XV Congresso de iniciação Científica. Universidade Federal de Pelotas. 2006.